

SUPERANDO BARREIRAS E PRECONCEITOS: TRAJETÓRIAS, NARRATIVAS E MEMÓRIAS DE MULHERES ESPORTISTAS

Cláudia Maria de Farias

Universidade Federal Fluminense

E-mails: cmdfarias@yahoo.com.br

cdfarias@ig.com.br

Resumo: O trabalho reafirma a importância dos estudos de gênero para a compreensão dos processos históricos contemporâneos por meio dos quais se deu a inserção, permanência e ampliação da participação das mulheres no campo esportivo brasileiro, entre os anos de 1960 e 1970. Por meio das narrativas orais de duas atletas – Eliane Pereira de Souza e Aída dos Santos –, são examinadas as múltiplas intersecções do gênero com outros componentes de diferenciação social, tais como: classe, raça/etnia e geração, fundamentais para a reconstrução das experiências que marcaram os projetos, as carreiras, trajetórias e memórias dessas mulheres durante a vigência da ditadura militar brasileira.

Palavras-chave: mulheres esportistas; relações de gênero; emancipação feminina.

Considerações iniciais

Marcada por um distanciamento crítico em relação à abordagem macro-social que, com seus modelos estruturalistas e globalizantes, dominou por muito tempo o cenário da pesquisa em história e em ciências sociais, a escala microanalítica inscreve-se hoje como orientação metodológica necessária para restaurar o papel dos indivíduos na construção dos laços sociais. De acordo com Chartier (1994, p. 102), o objeto da história, portanto, não são, ou não são mais, as estruturas e os mecanismos que regulam, fora de qualquer controle subjetivo, as relações sociais, e sim as racionalidades e as estratégias acionadas pelas

Niterói, v. 10, n. 1, p. 79-99, 2. sem. 2009 **79**

comunidades, as parentelas, as famílias, os indivíduos. Dessa forma, ao revelar os desvios, as tensões, as negociações e discordâncias existentes entre os indivíduos e os grupos e os sistemas normativos de uma sociedade, a micro-história pretende trazer à tona a experiência de sujeitos sociais até então excluídos da investigação histórica, como as mulheres e os segmentos populares, ampliando o foco sobre as múltiplas faces das desigualdades e redefinindo os clássicos paradigmas sobre os sistemas de poder e subordinação. Com efeito, a grande reviravolta da história nas décadas de 1970/1980 – favorecida também pelo *boom* da história cultural –, contribuiu para o desenvolvimento da história das mulheres, acirrado ainda mais pelo recrudescimento do movimento de liberação das mulheres, a partir dos anos 1960/1970.¹

Como reflexo da ampliação dos horizontes da disciplina e dos debates instalados no interior do próprio movimento feminista, a partir do final da década de 1970, a categoria *gênero* surgiu como “uma maneira de indicar as *construções sociais*: a criação inteiramente social das ideias sobre os papéis próprios aos homens e às mulheres”, refutando, portanto, as explicações biológicas que legitimavam o caráter essencialista, a-histórico, fixo e permanente da diferença e hierarquização entre os sexos (SCOTT, 1996). Sublinhando o aspecto relacional entre as mulheres e os homens, na medida em que a compreensão de qualquer um dos dois não pode ser realizada em separado, bem como reavaliando a perspectiva dos enfoques que enfatizavam a vitimização ou a rebeldia feminina, a questão do gênero contribui sobremaneira para se buscar a complexidade da atuação das mulheres ao introduzir também as diferenças, os conflitos e os deslocamentos de poder provocados pelas articulações com outras categorias, como classe, raça/etnia e geração (SOIHET, 1997, p. 277-79). Assim, a fragmentação de uma identidade universal entre as mulheres pôde revelar outras relações sociais de hierarquização e dominação, para além das divisões de poder entre os sexos.² Segundo as historiadoras Rachel Soihet e Joana Pedro,

inúmeras foram as contradições que se manifestaram, demonstrando a impossibilidade de se pensar uma identidade comum [...] de uma postura inicial em que se acreditava na possível identidade única entre as mulheres, passou-se a outra, em que se firmou a certeza na existência de múltiplas identidades. (SOIHET; PEDRO, 2007, p. 287)

Com efeito, as contribuições recíprocas entre a história das mulheres e o movimento feminista deram lugar às pesquisas de novos temas ligados ao

¹ Para maiores informações sobre os fatores científicos, sociológicos e políticos envolvidos no nascimento de uma história das mulheres, ver PERROT, Michelle. “Escrever a história das mulheres”. *Minha história das mulheres*. São Paulo: Editora Contexto, 2007. p. 19-20

² COSTA, Suely Gomes. Gênero e história. In: ABREU, Martha e SOIHET, Rachel. (orgs.). *O ensino de história: conceitos, temáticas e metodologias*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2004, p. 196

cotidiano, à sexualidade feminina e às suas diversas formas de atuação no espaço privado e público. Para rastrear as dimensões do mundo feminino, por tanto tempo ocultas, a abordagem biográfica e a conseqüente valorização de experiências individuais para a compreensão do passado ganham um crescente interesse entre os historiadores. Alimentada por uma renovação da história política, que se despiu do caráter positivista, puramente cronológico e narrativo dos “feitos dos grandes homens”, a redescoberta da biografia, de acordo com Loriga (1998, p. 225), remeteu principalmente a experiências no campo da história atentas a outras subjetividades, como a história oral, os estudos sobre cultura popular e a história das mulheres. Assim, “o desejo de estender o campo da história, de trazer para o primeiro plano os excluídos da memória, reabriu o debate sobre o valor do método biográfico”.

Não obstante os avanços epistemológicos deste método, o historiador deve estar atento às suas armadilhas. Neste sentido, as críticas formuladas por Bourdieu (1996, p. 183-190), entre outros, revelaram-se bastante profícuas. Ao alertar para o perigo da “ilusão biográfica”, o sociólogo francês ressalta os riscos de se considerar uma determinada história de vida como um relato de acontecimentos sucessivos, coerentes e ordenados a partir de um projeto orientado para um fim específico. Retirando da existência humana os conflitos, os imprevistos e as descontinuidades que marcam a fragmentação do “eu”, o relato, seja ele biográfico ou autobiográfico, se basearia na preocupação de estabelecer um sentido artificial e unívoco para a vida de um indivíduo, produzindo uma “apresentação oficial de si”. Portanto, ao construir uma concepção de biografia harmônica e linear, muitas vezes ignora-se a “superfície social” na qual o indivíduo se encontra imerso, suas colocações e deslocamentos no espaço social ao longo da vida, bem como a rede de relações objetivas estabelecidas, em diferentes situações, com outros agentes envolvidos no mesmo campo. Neste sentido, Bourdieu rejeita o termo biografia, preferindo falar em “trajetórias”.

Em que pesem as pertinentes observações de Pierre Bourdieu, apontando para uma correspondência na relação entre *habitus*³ de grupo e *habitus* individual, Levi (1996, p. 179-80) sugere ainda atentarmos para a amplitude da liberdade de escolha de um indivíduo, pois nenhum sistema normativo é totalmente coerente e estável a ponto de eliminar a negociação, manipulação ou interpretação das regras: a repartição desigual do poder, por maior e mais coercitiva que seja, sempre deixa alguma margem de manobra para os dominados; estes podem então impor aos dominantes mudanças nada desprezíveis.

³ O *habitus* é um sistema de esquemas de percepção e apreciação da realidade social, que funciona como estrutura cognitiva estruturada e estruturante, geradora de práticas e representações sociais, cf. BOURDIEU, Pierre. “Espaço social e poder simbólico”. *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 2004, p. 158

Desse modo, a revalorização do sujeito na história e a ênfase nas suas experiências individuais, após a renovação teórico-metodológica da História, ocorrida nas últimas décadas do século XX, reacendeu o debate em torno da subjetividade como objeto do conhecimento científico. Tal polêmica foi acirrada ainda mais pela invenção do gravador de fita, em meados do século. Ao proporcionar a gravação de entrevistas com atores e testemunhas do passado, anteriormente marginalizados pela história, a história oral converteu-se lentamente numa metodologia de pesquisa que tornou possível a constituição de novas fontes para o historiador, principalmente se considerarmos a lacuna de registros de uma memória feminina, por muito tempo relegada ao silêncio pela memória oficial.⁴ Juntamente com as biografias e autobiografias, o “fascínio pelo vivido” ganhou uma nova dimensão, pois permitiu ao historiador dar voz aos excluídos da história e reconstituir importantes fenômenos do *tempo presente*, uma vez que, ao lidar com a vivência de um indivíduo, seja por meio da publicação espontânea de memórias ou a partir das interrogações realizadas numa entrevista, revela-se o que é inacessível nos arquivos: a visão contemporânea da testemunha (do momento em que fala) sobre os fatos estudados (ROUSSO, 1996, p. 98). Segundo ALBERTI (2003), num mundo globalizado, extremamente marcado pela fragmentação e pela velocidade da comunicação, bem como pelas tentativas de exclusão política das ditas “minorias” coletivas, o campo da história oral é acentuadamente totalizador, pois entrevistado e entrevistador trabalham conscientemente na elaboração de projetos de significação do passado. Assim, na narrativa oral, a memória de um indivíduo – único e singular – sobre determinados acontecimentos e conjunturas é valorizada como elemento constitutivo da sua identidade, na medida em que é um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si, conforme Pollak (1992, p. 200-212).

Tais considerações, em torno dos processos sociais de construção de memórias e identidades individuais/coletivas são, então, fundamentais para a compreensão das trajetórias de vida de duas atletas negras brasileiras, entrevistadas em 2008 – Eliane Pereira de Souza e Aída dos Santos –, praticantes, respectivamente, da natação e do atletismo. Estes testemunhos femininos são o objeto de investigação por excelência do trabalho e nos permitiram investigar como diversas relações sociais de poder – principalmente as de gênero, classe e raça/etnia – se combinaram, se deslocaram e se materializaram no *campo esportivo*⁵ brasileiro, entre as décadas de 1960 e 1970, na medida em que,

⁴ Para maiores informações sobre este assunto, ver PERROT, Michelle. “Práticas da memória feminina”. *As mulheres ou os silêncios da história*. São Paulo: EDUSC, 2005, p. 33-43

⁵ Acerca desta noção como espaço de lutas e poder, v. BOURDIEU, Pierre. *Campo do poder, campo intelectual e habitus de classe*. In: *A economia das trocas simbólicas* (1992) e BOURDIEU, Pierre. *Como é possível ser esportivo*. In: *Questões de sociologia* (1983)

além de praticarem distintas modalidades esportivas, essas atletas pertenciam ainda a diferentes gerações,⁶ apresentando, contudo, a mesma identidade de classe e raça/etnia. Ao cotejar as entrevistas entre si e com outras fontes documentais, verificarei também como se configurou uma *consciência de gênero*⁷ entre elas muitas vezes atravessada e, até mesmo, obscurecida pelas diversas contradições e diferenciações sociais, sem desconsiderar, entretanto, segundo afirma Pollak (1992, p. 200-212), que a própria construção da memória e da identidade, tanto individual quanto coletiva, também não está isenta de mudanças, de negociações e de transformações em função do outro, sofrendo flutuações no momento em que é articulada e está sendo expressa.

A partir dessas narrativas femininas é possível, portanto, perceber seus pontos de aproximação, divergências e ambiguidades, bem como as zonas de sombra, as reticências, omissões, os ressentimentos e os esquecimentos que caracterizam as fontes orais. Tais testemunhos nos possibilitam ainda entrever a pluralidade de estratégias femininas adotadas diante das violências e desigualdades – as confrontações, os consentimentos⁸ e/ou contra-poderes⁹ –, ou seja, a diversidade de experiências que traçaram as carreiras dessas atletas, seus projetos e esforços para ingressarem e permanecerem num campo significativamente marcado pela hierarquização de gênero. Para tanto, pretendo adicionar e articular à problemática da identidade e memória um outro elemento: a noção de *projeto*, formulada por Gilberto Velho. De acordo com o antropólogo, nas sociedades marcadas pelas ideologias individualistas, a noção de biografia é fundamental:

a trajetória do indivíduo passa a ter um significado crucial como elemento não mais contido mas constituidor da sociedade. É a progressiva ascensão do sujeito psicológico, que passa a ser a medida de todas as coisas. Neste sentido, a memória deste indivíduo é que se torna socialmente mais relevante. Suas experiências pessoais seus amores, desejos, sofrimentos, decepções, frustrações, traumas, triunfos, etc. são os marcos que indicam o sentido de sua singularidade enquanto indivíduo, que é constantemente enfatizada. (VELHO, 1988, p. 123)

⁶ Para um maior esclarecimento sobre a utilização e a limitação do conceito de “geração” como critério “periodizante”, v. SIRINELLI, Jean-François. A geração. In: FERREIRA, Marieta e AMADO, Janaína (org.). *Uso e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro, FGV, 1994.

⁷ Cf. PERROT, Michelle. “Sair”. *As mulheres ou os silêncios da história*. São Paulo: EDUSC, 2005, p. 279-316

⁸ Às vezes, o consentimento toma a forma de um contra-poder quando a incorporação da linguagem da dominação se encontra reempregada para marcar uma resistência, cf. CHARTIER, Roger. “Diferenças entre os sexos e dominação masculina”. *Cadernos Pagu* (4), Campinas: UNICAMP, 1995, p. 42

⁹ Longe de representar uma perspectiva conciliadora, este enfoque aponta para os poderes femininos exercidos por meio do controle de algumas práticas e ritos, cf. PERROT, Michelle et al. “A história das Mulheres. Cultura e poder das mulheres: ensaios de historiografia”. Trad. de Rachel Solhet, Suely G. Costa e Rosana Soares. *Revista Gênero*, NUTEG, 2001, v. 2, n. 1, pp. 7-30

Dessa forma, é a memória de um indivíduo – suas visões retrospectivas e prospectivas – que dá consistência à biografia e que possibilita a elaboração de projetos. Isto é, “na constituição da identidade social dos indivíduos... a memória e o projeto individuais são amarras fundamentais” (VELHO, 1988, p. 123). Contudo, segundo nos sugerem Bourdieu e Gilberto Velho, o historiador deve ter em mente que o projeto é resultante de um horizonte de possibilidades no qual está inserido o sujeito; ele é dinâmico e permanentemente reelaborado, pois depende das relações objetivas conscientes ou não estabelecidas entre os indivíduos, os grupos e a sociedade. Sendo assim, entendendo o *campo esportivo* como um espaço social de lutas e poder, pretendo, por meio dessas memórias de gênero, reconstruir as experiências dessas atletas brasileiras que, entre silêncios, tensões, rupturas e conformidades, protagonizaram importantes conquistas pela emancipação e afirmação das suas múltiplas identidades numa conjuntura marcada por uma ditadura militar.

Tempo de lembrar, tempo de esquecer: trajetórias, narrativas e memórias de mulheres atletas

Eliane Pereira de Souza é uma atleta negra da natação brasileira, especialista no nado de peito. Nascida em 1 de julho de 1952, na cidade do Rio de Janeiro, filha de Wilson Pereira, motorista da Petrobrás, e Georgina Pereira, teve uma infância pobre ao lado de quatro irmãos. Depois de morar numa favela localizada na barreira do Vasco, começou a praticar a natação na piscina da escola pública “Edmundo Bitencourt”, existente na ladeira do Tuiuti, em São Cristóvão, onde morou por muito tempo. Por imposição do avô, que “não queria deixar a gente ficar na rua o dia inteiro”,¹⁰ Eliane e seus irmãos estudaram e deram as primeiras braçadas na piscina daquela escola. Avistada por um técnico de natação do Clube de Regatas Vasco da Gama, Eliane foi levada para o clube, aos nove anos de idade. Posteriormente, já como atleta do Vasco, ela e seus irmãos receberam bolsas de estudo que lhes possibilitou sair da escola pública para ingressar em escolas privadas, localizadas também no bairro de São Cristóvão. Questionada sobre como foi seu ingresso na escola e no esporte, Eliane Pereira destaca o papel fundamental da natação na sua vida e na de seus irmãos, pois foi por meio desse “ganha pão”, como ela mesma reconhece, que tiveram uma relativa ascensão social e melhoraram nos estudos, sendo que Eliane, para se dedicar ao esporte, nunca trabalhou até se casar, aos 19 anos, e concluir o curso de Educação Física na UERJ. A continuidade e perseverança nos treinamentos, apesar das dificuldades financeiras e dos incontáveis preconceitos sofridos, a tornaram campeã carioca e brasileira, aos 11 anos. Logo depois, Eliane passou a integrar a seleção brasileira de natação. Nos Jogos

¹⁰Eliane Pereira de Souza, entrevista concedida a Claudia Farias em 21/10/2008

Pan-Americanos de 1967, realizados em Winnipeg (Canadá), obteve o 4º lugar nos 100m nado de peito, com apenas 14 anos. Posteriormente, já como atleta do Fluminense Futebol Clube, ela participou dos Jogos Pan-Americanos de 1971, em Cáli (Colômbia), conseguindo também o 4º lugar na mesma prova.

Mesmo tendo representado o Brasil em duas edições dos Jogos Pan-Americanos, sua história na natação é pouco conhecida no país. Atualmente, com 56 anos, ela continua competindo como atleta máster pelo Fluminense. Contudo, recentemente, Eliane Pereira ainda vivenciou um novo drama. Depois de sofrer um acidente, ela se tornou deficiente visual, participando dos Jogos Parapan-americanos do Rio, realizados em 2007, quando conduziu a tocha olímpica na cerimônia de abertura e obteve o 4º lugar. Como veremos, sua história de vida se insere entre dois acontecimentos chave. Num primeiro momento, foi pontuada desde a infância pelas amarguras e discriminações que enfrentou de outras nadadoras, técnicos e dirigentes esportivos por ser negra e pobre. Assim, sua autopercepção e reconhecimento, seu pertencimento e exclusão, devem ser vistos como elementos marcantes das relações de poder e prestígio constituídas nas figurações entre *estabelecidos* e *outsiders*, sejam elas de gênero, classe, etnia, sexualidade ou nível educacional, segundo adverte o sociólogo Elias (2000, p. 19-50). Afinal, sua inserção no mundo esportivo se deu numa modalidade majoritariamente dominada por atletas brancos, oriundos das classes média e alta, em tese menos afetada pelas diferenças de gênero. Neste sentido, sua trajetória pode ser considerada exemplo de uma "biografia desviante" (ou de uma "outsider") pois, de acordo com o sentido atribuído por Levi (1996, p. 179-80), revela-se contrária ao comportamento de um grupo e permite identificar o que seria mais frequente, bem como as possibilidades latentes de um indivíduo.

Com efeito, o depoimento de Eliane Pereira nos revela como seus projetos, sua carreira, memória e identidade social foram, desde o início, sendo forjados nos interstícios de uma dupla *estigmatização*¹¹ que, fincada no entrecruzamento dos conflitos, das tensões e hierarquizações de classe e raça/etnia, acabava por atravessar e recobrir sua identidade e consciência de gênero no passado. Porém, como os fenômenos de identificação social nunca são fixos, mas contínuos, fluídos e transitórios, podemos perceber, num segundo momento, um outro ponto de ruptura na história de vida dessa esportista, fundamental no trabalho de reconstrução de si mesma e de seu lugar social como atleta

¹¹ O estigma social é imposto pelos grupos de mais poder e prestígio a outros indivíduos e grupos, vistos como inferiores. "Em muitos casos, os indivíduos 'superiores' podem fazer com que os próprios indivíduos 'inferiores' se sintam, eles mesmos, carentes de virtudes, julgando-se humanamente inferiores. Mas este processo pode fazer surgir também a contra-estigmatização em uma batalha na qual o equilíbrio entre os diferenciais de poder vai se reduzindo aos poucos", cf. ELIAS, Norbert. *Op. cit.*, p. 24-25

no presente. Refiro-me à nova fronteira de alteridade interposta e transposta no cotidiano difícil que Eliane enfrenta hoje como deficiente visual. Portanto, conforme observaremos, sua memória está circunscrita num horizonte temporal delimitado pela rememoração e eternização dos não lugares das exclusões e hostilidades, ou seja, pela sua resistência e sujeição diante das divisões de classe e raça vividas no passado e pela angustiante busca de se perceber hoje também como atleta paraolímpica.

Este aspecto surge quando Eliane se recorda da experiência traumatizante nos Jogos Pan-Americanos de 1967 em Winnipeg, quando foi abandonada – desmistificando o ideal de sororidade entre as mulheres – pelas outras atletas brancas da natação brasileira, em um shopping center sozinha, sem saber falar inglês e com apenas 14 anos:

Comecei a chorar, chorar, chorar... Queria ir embora, não queria competir, não queria mais nada... Foi por isso que eu, agora, não fiz força nenhuma para ir às Para-olimpíadas (de Pequim). Eu lembrei muito do Pan-americano. Lá eu era pequena e agora eu sou deficiente. Fiquei com medo, entendeu? Então não fiz mesmo, não fiz força para conseguir o índice da Para-olimpíada. Fiquei com medo de chegar lá, de me largarem lá sozinha. Não é nem a língua "japonesa"... Eu fiquei com medo porque agora eu não enxergo. Por isso eu não quis ir. Já pensou? Eu lembrei do passado... No passado eu enxergava. E agora? Não, não...¹²

Assim sendo, segundo nos alerta ANZALDÚA (2005, p. 691-703), devemos estar atentos aos espaços intersticiais da diferença, construídos nos entre-lugares de identidades híbridas, isto é, nos limites imprecisos e em permanente deslocamento das múltiplas referências identitárias.

Com efeito, tais diferenças, sentidas de forma tão dilacerante, são evidenciadas em vários momentos da entrevista. Quando indagada sobre seu início na natação brasileira, Eliane Pereira respondeu:

logo assim que eu comecei a ingressar no Clube de Regatas Vasco da Gama, eu tinha nove anos, né, era pequena... a gente sente muito também, porque devido à cor, a gente é um pouquinho, como se diz é tem o negócio de preconceito, né? Então eu lembro que quando eu fiz 11 anos, eu competi o primeiro campeonato brasileiro, lá em São Paulo, no Corinthians, era muito negócio de preconceito... Chegando lá, foi até eu e minha irmã competir lá, nunca me esqueço, na hora que eu vou para a raia, todo o mundo era claro, branco, a única negra era eu, a arquibancada todinha só me xingava: – tira essa crioula daí! O que ela tá fazendo aí? Tira essa negra daí! Quer dizer, se fosse nessa época, podia até botar as pessoas na polícia. Mas naquela época não tinha nada disso. Eu cheguei na raia chorando. Nunca esqueço, chorando mesmo. Só que parecia que aquele dia era meu. Aquele dia era meu! (bati muito na mesa) Tinha

¹²Entrevista concedida a Claudia Farias, 21/10/2008

uma menina do lado, uma loirinha lá, gauchazinha, há mais de cinco anos que ninguém tirava o primeiro lugar dela. Pois eu ali tirei o primeiro lugar dela. Conclusão: quando eu ganhei essa menina, que todo mundo já conhecia, a arquibancada todinha em vez de me xingar, me aplaudiu, me botou lá em cima. Eu nunca esqueci. Então, depois desse dia, desse preconceito que eu sofri, que eu senti, aí eu nunca mais... eu nunca mais senti nada! Eu sabia que era duro, era duro pra mim ir em frente, mas eu com força e garra, eu quis, eu quero nadar, quero nadar, fui nadando, nadando até...".¹³

Nesta passagem, podemos perceber como as mágoas e os (res)sentimentos provocados pelos estigmas sociais (de classe e raça) sofridos por Eliane desde criança serviram como fonte de força e estímulo para que continuasse nadando e construísse uma carreira esportiva, apesar dos momentos de hesitação, dúvidas e conflitos que, possivelmente, vivenciou em função das inúmeras rejeições e humilhações de que foi alvo. Neste sentido, é preciso considerar como a raiva recalcada, a indignação e o orgulho ferido marcam a sua memória ainda no presente, ao mesmo tempo que lhe possibilitaram forjar laços de identidade e um projeto de vida no passado. Conforme assinala Ansari (2004, p. 21-22), é preciso compreender e explicar como o ressentimento se manifesta, a quais comportamentos serve de fonte, que atitudes e condutas inspira, consciente ou inconscientemente. Com efeito, seu desejo de permanecer nessa modalidade esportiva, bem como os laços de identidade e solidariedade raciais, criados com algumas atletas negras de outras gerações (principalmente com as mulheres do atletismo, como, por exemplo, Aída dos Santos), se consolidaram à medida que ela experimentava novas situações de abandono e discriminação no meio elitista da natação. Vejamos:

não to dizendo que fiquei só nos risos não, eu chorava muito, chorava muito mesmo. Tinha uma competição, a Luso Brasileira, quando eu fui para fora, pois elas me largaram sozinha lá, porque a natação não era muito unida igual ao atletismo, no atletismo as pessoas já são mais de cor... Então quando eu viajava com todo mundo, eu era bem menor do que elas, né do que a Aída. Então eu ficava muito com elas, não ficava com o pessoal da natação. Porque o pessoal da natação, nessa competição, elas queriam que eu empatasse com a outra, que eu não ganhasse da outra que tava lá. Aí eu fui correndo no pessoal do atletismo contar esse lance. Aí a Aída e Odete falaram: –"nós vamos estar lá e você vai ter que ganhar". Minha luta sempre foi assim...¹⁴

Mais adiante, Eliane deixa entrever também sua luta e obstinação, no seio da própria família, para permanecer na natação:

quando a gente já tinha assim, tipo dezessete anos, a minha irmã já tinha saído (da natação), então ela foi trabalhar, e a minha mãe queria que eu fosse trabalhar, eu falei

¹³Idem

¹⁴Idem

que não, eu não queria trabalhar, eu queria continuar na natação. Aí eu estudava e nadava, estudava e nadava”.¹⁵

Muito provavelmente, sua mãe, percebendo o sofrimento que nadar representava para seus filhos atletas, além das elevadas despesas de custeio nas viagens internacionais, deve ter tentado dissuadir Eliane a não se empenhar tanto na carreira, embora frisasse que eles deveriam continuar praticando outro tipo de esporte. Porém, diferentemente de sua irmã, Eliane continuou na natação, mesmo reconhecendo que sua convivência com nadadoras e técnicos de natação “não era muito boa”. Numa passagem da entrevista, ela afirma sua luta incessante para vencer as competições: “nunca podia ganhar de tão pertinho, eu só conseguia as coisas se ganhasse na distância... se eu ganhasse de pertinho quem iria era a outra”. Fazendo uma comparação com às ferrenhas disputas olímpicas atuais na natação, vencidas na maioria das vezes “na batida de mão”,¹⁶ Eliane deixou claro que, na sua época, só conquistava o primeiro lugar se sua diferença para a segunda colocada fosse grande, isto é, bem visível aos olhos do público e juízes. Caso contrário, corria o risco de ver o prêmio passar para as mãos de suas concorrentes brancas, muitas, inclusive, filhas de diretores de clubes, conforme destaca na entrevista.

Além de tais situações, Eliane narrou seu esforço para ingressar e permanecer na seleção brasileira, pois o técnico da seleção, Carlos Roberto Pavel, afirmava, com insistência, que não havia negros na natação porque seus ossos eram muito pesados para a água e, portanto, Eliane deveria praticar o atletismo – reconhecido como um “esporte de negros” –, onde teria mais sucesso. Quando perguntada sobre sua reação a este episódio, ela afirma, batendo na mesa: “Mas eu não quis saber, eu não quis saber. Eu queria fazer natação, eu queria ser nadadora, entendeu? Então eu não dava ouvidos a isso, a essas coisas. Eu nunca dei ouvidos a nada que viesse com esse negócio de preconceito em cima de mim...”¹⁷ No entanto, em outros momentos da entrevista, Eliane, de forma contraditória e fugidia, relembra seu sentimento de inferioridade, de baixa autoestima quando tomava conhecimento das reações de antipatia que suscitava, entre as mães das outras competidoras, quando vencia as disputas: “toda vez que minha irmã sentava na arquibancada ela me dizia que escutava das senhoras atrás, as mães de outras meninas, sei lá: – ‘não

¹⁵ Idem

¹⁶ Esta expressão é usada pelos comentaristas esportivos para designar uma disputa em que o vencedor é o nadador que, por uma diferença de centésimos de segundos, bate primeiro a mão na borda da piscina.

¹⁷ Entrevista concedida a Claudia Farias, 21/10/2008

sei o que é que aquela neguinha tem que ela consegue'. Essas coisas ela (sua irmã) contava para mim e eu ficava meio para baixo, né?"¹⁸

Mais adiante, lembrando sua passagem como nadadora do Fluminense, onde ganhou o apelido de "bananada", ela diz:

Eu só nadava no frio quando o técnico me oferecia bananada... Eles morriam de rir de mim... Não sei por quê... Eu era assim toda diferente, muito infantil, entendeu? Eu sempre ia risonha, muito assim humilde no jeito de falar. Confiava muito nos outros. Eu era muito simples. Não era para eu ser igual a elas. Eu era muito simples mesmo.¹⁹

Conforme nos alerta Elias (2000, p. 28), em relação aos aspectos sociológicos presentes na conformação de identidades pessoais, também devemos levar em conta o peso que tais imagens depreciativas têm sobre indivíduos/grupos *outsiders*, principalmente crianças, e como marcam sua autoimagem e autoconfiança em épocas posteriores:

assim como, costumeiramente, os grupos *estabelecidos* vêem seu poder superior como um sinal de valor humano mais elevado, os grupos *outsiders*, quando o diferencial de poder é grande e a submissão inelutável, vivenciam afetivamente sua inferioridade de poder como um sinal de inferioridade humana.

Portanto, ao elaborar um sentido orientado e ascendente para sua trajetória esportiva, Eliane parece negar e/ou interiorizar, em algumas passagens da sua narrativa, as exclusões vivenciadas, bem como "esquecer" os limites que lhe foram impostos por esse desequilíbrio de forças e as possibilidades perdidas na sua carreira em função desses estigmas sociais. Ao ser indagada na entrevista sobre os motivos da sua não convocação para as Olimpíadas de 1972, Eliane destaca que os dirigentes da natação brasileira, na época, não conduziram nadadoras para competir individualmente; só levariam a equipe feminina de revezamento, com quatro nadadoras, desde que as atletas conseguissem o índice olímpico estipulado para a competição. Como duas nadadoras do Flamengo não conseguiram o índice, Eliane, apesar de ter obtido a marca, afirmou, categoricamente, não ter ido às Olimpíadas de 1972 somente por causa disso. Contudo, entrevendo que os verdadeiros motivos de sua não convocação seriam outros, pesquisei a composição da delegação brasileira nos Jogos Olímpicos de 1972, realizados em Munique (Alemanha) e constatei a participação de três nadadoras brancas em provas individuais, sendo que a

¹⁸ Idem

¹⁹ Idem

tlleta Christina Bassani Teixeira, uma das principais adversárias de Eliane Pereira no nado de peito, foi a representante do Brasil nos 100 e 200 m peito.²⁰

Devemos ressaltar aqui o contexto interno de autoritarismo no qual se insere este evento esportivo. Possivelmente, para evitar a explosão de (res)entimentos e ódios recalçados numa nova disputa, os dirigentes militares preferiram não levá-la como representante do Brasil numa Olimpíada, ainda mais que o episódio anterior de abandono, vivido nos Jogos Pan-Americanos de 1967, já havia provocado a “repreensão” das nadadoras que a deixaram sozinha no shopping center, segundo relatou Eliane. Nesse caso, devemos nos perguntar até que ponto os regimes autoritários e/ou fascistas favorecem ou não a exteriorização das insatisfações, dos ódios e (res)entimentos sociais? É possível afirmar, conforme sugere Ansart (2004, p. 28), que o regime democrático possui a vocação de ouvir os ecos dos ressentimentos, de dar-lhes um certo direito de expressão, nos limites da lei, e favorecer a superação dos ódios pela discussão e pelas concessões?

As ambiguidades e contradições encontradas na narrativa de Eliane Pereira nos permitem dizer que ela, ao relembrar determinados períodos da sua vida pública, decidiu esquecer outros, provavelmente ligados aos traumas e recalques experimentados no passado, na tentativa de forjar um significado consistente, afirmativo e heróico para sua trajetória esportiva no presente que, não raramente, ressalta os episódios de abnegação, coragem, superação e resignação vividos. Estabelecendo uma comunicação comigo e consigo mesma no transcurso da entrevista, ela discursivamente constrói um ponto de vista sobre si e sobre os acontecimentos vividos que contribui para seu autoconhecimento, sua autoexplicação e autojustificação, segundo sugere Oberti (2006), num esforço contínuo de elaborar, até mesmo de forma terapêutica, sua reconciliação com o passado e sua redenção no presente. Neste sentido, é possível compreender o trabalho de *enquadramento da memória*²¹ que Eliane Pereira realiza não só por meio da visão retrospectiva e prospectiva que apresenta da sua vida, mas também a partir das representações de si construídas no momento da narrativa. A despeito de algumas variações destacadas, a lógica presente na estruturação da sua memória liberta sua história de vida, tão carente de reconhecimento, da exclusão intransponível, da invisibilidade e do confinamento simbólicos que lhe foram impostos. Ao mesmo tempo, estabelece um sentido exemplar para sua trajetória esportiva, na medida em que a apresenta de forma coerente e

²⁰Cf. dados obtidos em COB. *Sonho e conquista: a participação do Brasil nos Jogos Olímpicos do século XX*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004

²¹Cf. POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, pp 3-15

compreensível para si e para os interlocutores com os quais deseja dialogar e garantir uma identificação no presente.

A partir dessas primeiras reflexões, passemos agora a examinar a carreira esportiva de Aída dos Santos, atleta negra, praticante do salto em altura, que também viveu os dramas da estigmatização por classe e raça. No entanto, sua trajetória se diferencia em muitos aspectos da carreira da nadadora Eliane Pereira, como veremos adiante.

Nascida em 1 de março de 1937, Aída dos Santos viveu uma infância muito pobre; conheceu a fome e a miséria desde cedo no Morro do Arroz, em Niterói. Seus pais – o pedreiro Praxedes e a lavadeira Adalgisa – eram analfabetos e não tinham condições de sustentar a família constituída por seis filhos. Como tiveram de trabalhar desde cedo para ajudar no sustento da casa, os irmãos de Aída nem concluíram o primário. Apenas Aída concluiu o curso superior em Educação Física na UFRJ, embora tardiamente, pois em 1956, com 19 anos, ela ainda cursava o ginásio na escola técnica Aurelino Leal, perto da sua casa. Lá sempre praticava o voleibol, seu esporte predileto. Aos domingos, Aída costumava pegar carona na bicicleta da vizinha Vilma para ir ao ginásio do Caio Martins. Vilma treinava atletismo e queria que a amiga aderisse ao esporte. Mas Aída sempre preferia cooptar outras jovens para jogar vôlei com ela. Não eram muitas, mal dava para formar um time. Num domingo, Aída ouviu um ultimato: “se não tiver gente para jogar voleibol, você vem treinar atletismo. Ou vai voltar a pé para casa”, ameaçou Vilma.²² Naquele dia, como não conseguiu formar uma equipe de vôlei, Aída cumpriu a promessa que fez para a amiga. O resultado foi surpreendente: Aída com poucas instruções que recebeu na hora, saltou 1,40m – apenas 5cm abaixo do recorde estadual.²³ Ali começaria sua história no atletismo, na modalidade de salto em altura, esporte que lhe trouxe reconhecimento e prestígio, mas também muitas humilhações, sofrimentos e angústias vivenciados pela tripla discriminação enfrentada ao longo da carreira (de gênero, classe, raça/etnia), além da resistência e violência do próprio pai, que várias vezes bateu nela e a impediu de sair de casa para competir.

Num trecho da entrevista ela contou seu início conflituoso no esporte, quando foi convidada a participar de uma competição pelo técnico da amiga Vilma:

um mês depois eu fiz uma competição chamada “Rubens Espozel” no clube Fluminense de Niterói. Quando eu falei para o meu pai que ia competir

²²VALPORTO, Oscar. *Atleta, substantivo feminino*. Vinte mulheres brasileiras nos Jogos Olímpicos. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2006, p. 51

²³Idem, p. 51

ele não deixou que eu fosse. Então não saí de casa. Mas a competição não se realizou porque teve um temporal. Na nova data da competição, minha colega Zu, foi na minha casa pedir ao meu pai para eu assistir ela competir. Aí eu fui, pulei 1,60m, ganhei todas as competidoras que já vinham do Botafogo, Vasco e Flamengo. Isso foi no final de 57. Saiu até no jornal. Então quando eu cheguei em casa e mostrei a medalha ao meu pai, ele falou assim: – “você trouxe, ganhou dinheiro”? Eu falei não e ele disse: – “medalha não enche barriga de ninguém não”! Ele me bateu e falou: – “pobre tem que trabalhar para ajudar a sustentar a casa!”²⁴

Esse aspecto é extremamente relevante para compreendermos a trajetória de Aída dos Santos, suas diferenças e pontos de contato em relação à carreira da nadadora Eliane Pereira. Quando começou a competir Aída já tinha 20 anos, ao contrário de Eliane que viveu seus dramas no esporte dos 10 aos 20 anos, aproximadamente. Porém, diferentemente de Eliane Pereira, que não enfrentou grandes resistências da família, Aída não podia contar com a ajuda nem da sua mãe e irmãos para conter a violência do pai:

mamãe era submissa ao papai. Se ele falasse que era ferro, era ferro. Se ele falasse que era pedra, era pedra. “– Tem que obedecer ao marido. O seu pai não quer que você faça, então não vai fazer. Primeiro que você é mulher. Quem tem que praticar esporte é homem! E depois, tem que trabalhar para ajudar no sustento da família”. Então eu não tinha incentivo nem de pai, nem de mãe, nem de irmão. Eles nunca foram assistir eu competir.²⁵

Em que pesem as discriminações de raça e classe enfrentadas por ambas, Aída dos Santos lutou ainda contra o preconceito de gênero, não só manifestado pelos pais, como também pelo seu namorado e amigas, em função de praticar uma modalidade reconhecida pela sociedade como violenta e masculina, não apropriada ao “sexo frágil”, ao contrário da natação.²⁶ Na entrevista, ela relatou as dificuldades encontradas durante os 17 anos de namoro que teve com o seu atual marido, com quem se casou somente após encerrar a carreira esportiva, por volta de 1972:

Ele via sair no jornal assim: “Brasil vai viajar”. Aí ele me perguntava: – “você vai viajar outra vez?”. E eu dizia: – “não, não acredita nesses jornais não”. Então várias vezes ele chegava lá em casa no dia da minha viagem e mamãe dizia: – “já foi para o aeroporto”. Teve dia dele chegar no aeroporto, pegar a minha mala e dizer que eu não ia viajar. Ele puxava minha mala para cá, puxava para lá. Quando tinha oportunidade, ele pegava minha

²⁴Aída dos Santos, entrevista concedida a Claudia Farias, 1/12/2008

²⁵Idem

²⁶O atletismo só deveria ser praticado pelas mulheres desde que preservados certos limites e distâncias, pois acreditava-se que os choques constantes com o solo poderiam ocasionar danos irreparáveis ao aparelho reprodutor feminino. O salto com vara, o salto triplo, o decatlo e o pentatlo eram proibidos, de acordo com a legislação produzida pelo Conselho Nacional de Desportos, durante o Estado Novo.

mala e saía correndo dentro do aeroporto. Ele não queria, não queria, toda vez que eu vinha ele dizia: – “acabou o namoro, acabou o noivado”! Ele falava isso no aeroporto, na lancha... Eu dizia: você não pode acabar o noivado comigo na lancha; você tem que ir na minha casa falar com o meu pai e minha mãe. Eu falava sempre isso pra ele.... Aí ele sumia um mês, um mês e meio, depois ele voltava e fazíamos as pazes.²⁷

Mais adiante ela afirma, quando indagada se o namorado ia às competições: “quando eu insistia muito ele ia de cara feia, mas nem ficava ali na hora. “- Você me viu saltar?”. Ele falava: – “não, na hora que você estava saltando eu fui dar uma voltinha lá fora.”²⁸

Utilizando-se de várias estratégias combinadas, tais como a dissimulação e o confronto direto com o pai, o consentimento e a sedução com o namorado, Aída mostrava seu contra-poder para subverter a seu favor a dominação masculina que, de forma paradoxal, nega às vezes existir com relação às atitudes do namorado Miguel.²⁹ Dessa forma, administrando ambiguidades, tensões e conflitos na vida privada, Aída resistiu e praticou o atletismo dos 20 aos 34 anos. Foi atleta do Vasco da Gama e, posteriormente, do Botafogo. Obteve a medalha de bronze nas edições dos Jogos Pan-Americanos de 1967 e 1971 – competições nas quais Eliane Pereira também participou –, ficou em 4º lugar nas Olimpíadas de 1964 (Tóquio) e em 20º lugar nas Olimpíadas de 1968 (Cidade do México), entre outros resultados conseguidos. Ao contrário de Eliane Pereira, que praticamente encerrou a carreira na natação aos 20 anos, quando casou e teve filhos, Aída só se casou aos 33 anos, após encerrar a carreira esportiva, sendo que seu primeiro filho nasceu quando ela tinha 36 anos (no total, Aída teve 3 filhos). Essas peculiaridades provavelmente contribuíram para reforçar ainda mais a suspeita de masculinidade que pesava sobre ela por praticar o atletismo:

eu tinha muita consideração com uma amiga minha, muita, muita e depois quando eu comecei a fazer esporte eu senti que ela se afastou de mim. Aí fui a ela e conversei, o que foi? Ela foi sincera comigo e falou: – “você está praticando esporte, meu pai falou que você é sapatão e não quer que eu conviva mais com você”.³⁰

Assim, rompendo com o ideal de pureza racial e superando a tripla discriminação que sofriam as mulheres do atletismo negras e pobres – entre elas Wanda dos Santos e Deise Jurdelina –, Aída ainda alcançou o quarto lugar no salto em altura nas Olimpíadas do Japão, numa delegação em que o restante

²⁷ Aída dos Santos, entrevistada por Claudia Farias em 1/12/2008

²⁸ Idem.

²⁹ Para maiores informações sobre os conceitos de igualdade e diferença de gênero e raça, suas interdependências, contradições e paradoxos, ver SCOTT, Joan. “O enigma da igualdade”. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, vol. 13, n.1, 2005, pp. 11-30

³⁰ Aída dos Santos, entrevista concedida a Claudia Farias, 1/12/2008

dos atletas era apenas de homens.³¹ Em seu relato, a atleta contou suas angústias e as enormes barreiras encontradas para estabelecer o índice olímpico³² ainda no Brasil, bem como os problemas na viagem e na competição, desde a falta de técnico e material necessário para os treinos até a dificuldade de comunicação numa terra estrangeira. Na entrevista, ela deixou claro o preconceito e o descaso da própria delegação brasileira, mas também a solidariedade recebida do atleta cubano Lazaro Betancourt, que a orientou dando dicas para melhorar seu rendimento e conseguir material.³³ Mesmo com a ajuda externa, a atleta competiu sem os sapatos adequados nas eliminatórias da modalidade. O fato não impediu que fosse para a final, mas Aída torceu o pé. Ao inscrever no seu corpo as marcas da sua luta e resistência, Aída dos Santos conquistou o 4º lugar na modalidade de salto em altura – a melhor performance individual da delegação brasileira em Tóquio.³⁴ Resguardadas as especificidades e as potencialidades de cada existência em virtude das suas múltiplas diferenciações sociais, deve-se lembrar que, em sua trajetória esportiva, Aída dos Santos conviveu ainda com a pobreza extrema e a violência do pai – para quem esporte era “coisa de rico” – e com uma rotina que incluía treinos exaustivos e os trabalhos como lavadeira e faxineira para ajudar a família.

Posteriormente, nos Jogos Pan-Americanos de 1967 (Winnipeg) e nas Olimpíadas de 1968, realizadas no México, Aída também foi a primeira mulher brasileira a competir no pentatlo – prova do atletismo em que se conjugam o arremesso de peso, salto em distância, salto em altura, corrida de 200m e 800m rasos –, obtendo o 20º lugar. Cabe destacar que a performance foi conquistada em plena vigência da ditadura militar, quando esta modalidade ainda se encontrava na lista dos esportes proibidos para as mulheres, desde a regulamentação do decreto lei de 14 de abril de 1941. Sobre a competição de 1967, Aída lembra que saiu do Brasil para competir apenas no salto em altura, mas que, chegando lá, foi convocada pelos dirigentes militares, mesmo sem ter treinado, a competir no pentatlo, porque não havia nenhuma mulher brasileira

³¹ Para maiores informações sobre a participação dessas atletas nos Jogos Pan-Americanos, ver FARIAS, Cláudia Maria de. “Cem anos com barreiras”. In: *Revista de História da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro, ano 2, n. 22, julho 2007, pp. 34-38

³² Numa entrevista dada ao repórter esportivo Oscar Valporto, Aída contou que os dirigentes militares exigiram que ela saltasse o sarrafo mais três vezes para confirmar a altura de 1.65m (índice olímpico na época), já atingida por ocasião de um torneio realizado no começo de 1964. No depoimento ela afirmou: “estava na cara que eles não queriam que eu fosse aos Jogos Olímpicos”. VALPORTO, Oscar. *op. cit.*, p. 54

³³ Este fato pode ser interpretado como um rompimento com o pensamento binário do movimento feminista, que colocava numa eterna oposição homens e mulheres, até os anos 1970, ocultando as articulações com outras categorias sociais como classe, raça/etnia, geração, religião etc.

³⁴ Aída dos Santos, entrevista concedida a Cláudia Farias, 1/12/2008. Cumpre ressaltar que, durante muito tempo, esta foi a melhor colocação individual de uma mulher brasileira em Olimpíadas, ultrapassada apenas nas Olimpíadas de Pequim, realizadas em 2008.

nesta modalidade.³⁵ Como conseguiu o 3º lugar nesta prova, um ano depois, nas Olimpíadas do México, Aída dos Santos já foi representando o Brasil na modalidade do pentatlo. Portanto, suas excelentes performances no atletismo acabaram por significar uma espécie de “empoderamento”, permitindo-lhe galgar posição e prestígio no campo esportivo brasileiro, ao mesmo tempo que fazia surgir também a contraestigmatização em uma batalha na qual o equilíbrio entre os diferenciais de poder vai-se reduzindo aos poucos, conforme afirma Elias (2000, p. 24-25).

As singularidades das trajetórias apresentadas tornam-se reveladoras quando permitem entrever as estratégias, posições, performances e os deslocamentos diferenciados dessas duas atletas durante o auge das suas carreiras, vivido entre a década de 1960 e o início de 1970. A despeito dos estigmas de raça e classe sofridos por Eliane e Aída, devemos levar em conta o peso diferenciado destes sobre a vida de cada uma delas e como influenciaram suas condutas, ações e percepções de si mesmas. Afinal, se Aída dos Santos também vivenciou o preconceito de gênero, ao contrário da nadadora Eliane Pereira, não devemos esquecer que ela praticou o atletismo – esporte majoritariamente dominado por negros – já na fase adulta e, portanto, a rede de relações de identidade e solidariedade racial que conseguiu formar ao longo da sua carreira, mesmo entre atletas homens, provavelmente, foi maior e mais coesa, contribuindo para minimizar o desequilíbrio de forças existente. Não foi por acaso que Eliane Pereira, ainda criança e desprovida dessa rede de relações identitárias na natação, procurou muitas vezes amparo entre as mulheres mais experientes e de “cor” do atletismo, segundo ela mesma reconheceu na entrevista – fato confirmado também por Aída dos Santos. Assim sendo, de acordo com Bourdieu (1990, p. 208), ao invés de analisarmos um esporte de forma independente, deve-se compreendê-lo também em seu *aspecto relacional* no conjunto das práticas esportivas, reconhecendo seu *valor distintivo*, a posição que ele ocupa no espaço dos esportes, bem como o tipo de relação com o corpo que ele favorece, evitando-se, entretanto, uma perspectiva reducionista de estabelecermos uma relação direta entre um esporte e uma determinada categoria social.

As questões aqui analisadas podem servir de base para refletirmos também sobre os posicionamentos críticos e as possibilidades de ação dessas duas atletas, ao longo de suas carreiras, diante das estruturas coercitivas. Enquanto Eliane Pereira reprimiu e silenciou seus ressentimentos e mágoas, muitas vezes interiorizando as imagens depreciativas que lhe eram impostas, Aída dos Santos,

³⁵Idem

logo após o episódio de abandono e solidão vivido nas Olimpíadas de 1964, parece ter decidido falar à imprensa sobre o ocorrido em Tóquio:

teve umas declarações, me chamaram até para Brasília para falar com o ministro. Eu não sei nem quem era em 64. Eu soube que vários dirigentes falaram, que perguntaram aos dirigentes se tudo que eu falei era verdade. Os dirigentes respondiam nem que era verdade, nem que era mentira. Falavam assim: – “se Aída dos Santos falou... Aída dos Santos não é uma pessoa de mentir, é uma pessoa séria”. Porque eles foram questionados, porque eu dei declaração como era tratado o atleta do Brasil na Olimpíada, que não tem material, não tem técnico, não tem dirigente, que eu comprei sozinha, aquela coisa toda. Foi isso que aconteceu. Mas eu falei, não vou mentir...³⁶

Evidentemente, Aída resolveu falar depois de sentir uma brecha aberta pela sua excelente performance em Tóquio, quando foi convidada por um técnico americano para estudar na Califórnia. Como ela mesma afirmou, após o resultado obtido, “fiquei conhecida no Brasil inteiro, as portas se abriram para mim”. Contudo, posteriormente, às vésperas das Olimpíadas de 1972, realizadas em Munique, a convocação de Aída, tida como certa, não ocorreu. Questionada sobre os motivos envolvidos no seu corte da delegação olímpica, Aída mencionou a entrevista concedida na época no programa Flávio Cavalcante, quando disse, mais uma vez, “toda a verdade” ocorrida nas Olimpíadas de Tóquio. Provavelmente, com o recrudescimento do regime militar no Brasil, Aída dos Santos foi punida por expor na televisão as agruras vividas naquele evento esportivo. Neste sentido, parece que, por caminhos diversos, tanto Aída quanto Eliane Pereira não participaram das Olimpíadas de 1972, em virtude de os dirigentes militares temerem, respectivamente, a explosão violenta de atitudes afirmativas e ódios recalcados. Logo depois, ambas encerraram suas carreiras esportivas, dedicando-se ao trabalho de professoras de Educação Física.

Palavras finais

De acordo com Salvatici (2006, p. 29-31), a história oral e a história das mulheres têm mostrado significativas similitudes em seus propósitos e objetivos, bem como em seus campos de interesse. Ambas foram produzidas (ao menos no que se refere à sua disseminação mais ampla) pelos movimentos sociais e políticos desenvolvidos a partir do final dos anos 1960. Nelas, o estágio inicial foi dominado pela ideia de resgate de uma história oculta. Nessa perspectiva, o encontro fomentou uma espécie de contaminação recíproca, que afetou ambos os campos, o da investigação e o da metodologia.

³⁶ Aída dos Santos, entrevistada por Claudia Farias, 1/12/2008

Com efeito, o trabalho apresentado, baseado nas narrativas orais de duas mulheres esportistas, se insere na tentativa de reafirmar a importância dos estudos de gênero para a compreensão dos processos históricos contemporâneos por meio dos quais se deu a inserção, permanência e ampliação da participação das mulheres no campo esportivo brasileiro. A partir das trajetórias abordadas, procurei demonstrar como a perspectiva reducionista do binarismo essencialista, dominante nas abordagens feministas entre os anos 1960 e 1970, obscurecia as diferenciações e pluralidades existentes entre as próprias mulheres, alçadas até então à categoria de um sujeito universal, dotado de uma identidade comum. Ao analisar as carreiras, os projetos, as narrativas e memórias das atletas Eliane Pereira e Aída dos Santos, examinei as múltiplas intersecções do gênero com outros componentes de diferenciação social, tais como classe, raça/etnia e geração, fundamentais para o entendimento da construção de identidades e memórias pessoais multifacetadas, nunca estabelecidas definitivamente e sim sujeitas à infinitas recomposições, conforme foi demonstrado.

Assim, entendendo a prática esportiva como campo de poder, tramas, conflitos, tensões e investimentos, muitas vezes em correspondência com o espaço das posições sociais, conforme sugere Bourdieu, o trabalho pretendeu reconstruir as experiências vividas por algumas atletas brasileiras que, entre rupturas, silêncios e conformidades, protagonizaram importantes conquistas pela emancipação e afirmação das suas múltiplas identidades, durante a vigência de uma ditadura militar.

Abstract: The work reaffirms the gender studies importance for the understanding of the contemporaneous historical processes through of which occurred the insertion, permanence and enlargement of the women's participation in the Brazilian sportive field, between the 1960 and 1970 years. Through the two athletes' oral narratives – Eliane Pereira de Souza and Aída dos Santos –, are examined the multiple gender intersections with other components of the social differentiation, like class, race and generation, fundamental for the experiences reconstruction that left one's mark on the projects, the careers, trajectories and memories of those women during the period in force of the Brazilian military dictatorship

Keywords: sportive women; gender relations; feminine emancipation.

Referências

- ALBERTI, Verena. *O fascínio do vivido, ou o que atrai na história oral*. Rio de Janeiro: FGV/CPDOC, 2003. Disponível em <http://www.cpdoc.fgv.br>. Acesso realizado em 2/08/06
- ANSART, Pierre. "História e memória dos ressentimentos". In: BRESCIANI, Stella e NAXARA, Márcia (orgs.). *Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas: Editora Unicamp, 2004
- BOURDIEU, Pierre. "A ilusão biográfica". In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína (orgs.). *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1996.
- _____. "Espaço social e poder simbólico". *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- _____. "Programa para uma sociologia do esporte". *Coisas Ditas*. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- _____. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2007
- CHARTIER, Roger. A história hoje: dúvidas, desafios e propostas. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 7, n. 13, 1994.
- _____. "Diferenças entre os sexos e dominação masculina". *Cadernos Pagu* (4), Campinas: UNICAMP, 1995.
- COB. *Sonho e conquista: a participação do Brasil nos Jogos Olímpicos do século XX*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004
- COSTA, Cláudia de Lima e ÁVILA, Eliana. "Gloria Anzaldúa, a consciência mestiça e o 'feminismo da diferença'". *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis: UFSC, vol. 13, n. 3, 2005.
- COSTA, Suely Gomes. "Gênero e história". In: ABREU, Martha e SOIHET, Rachel. (orgs.). *O ensino de história: conceitos, temáticas e metodologias*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2004.
- ELIAS, Norbert. *Os estabelecidos e os outsiders*. Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Zahar, 2000
- FARIAS, Cláudia Maria de. "Cem anos com barreiras". In: *Revista de História da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro, ano 2, n. 22, julho 2007.
- LEVI, Giovanni. "Usos da biografia". In: FERREIRA, Marieta e AMADO, Janaína (orgs.). *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1996.
- LORIGA, Sabina. "A biografia como problema". In: REVEL, Jacques. *Jogos de escala: a*

- experiência da microanálise. Rio de Janeiro: FGV, 1998.
- OBERTI, Alejandra. "Contarse a sí mismas. La dimensión biográfica em los relatos de mujeres que participaron em las organizaciones político-militares de los '70". In: CARNOVALE, Vera, LORENZ, Federico e PITTALUGA, Roberto. *Historia, memória e fuentes orales*. Buenos Aires: Cedinci Editores, 2006
- PERROT, Michelle. "Escrever a história das mulheres". *Minha história das mulheres*. São Paulo: Editora Contexto, 2007
- _____. "Sair". *As mulheres ou os silêncios da história*. São Paulo: EDUSC, 2005
- _____. "Práticas da memória feminina". *As mulheres ou os silêncios da história*. São Paulo: EDUSC, 2005
- PERROT, Michelle et al. "A história das Mulheres. Cultura e poder das mulheres: ensaios de historiografia". Trad. de Rachel Soihet, Suely G. Costa e Rosana Soares. *Revista Gênero, NUTEG*, 2001, v. 2, n.1
- POLLAK, Michael. "Memória, esquecimento, silêncio". *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989.
- _____. "Memória e identidade social". *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992.
- ROUSSO, Henri. A memória não é mais o que era. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína(orgs.). *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro, FGV, 1994.
- SALVATICI, Silvia. Memórias de gênero: reflexões sobre a história oral de mulheres. *História Oral – Revista da Associação Brasileira de História Oral*, Rio de Janeiro, vol. 8, n. 1, jan-jun de 2006
- SCOTT, Joan. "Gênero: uma categoria útil para análise histórica". Recife: SOS CORPO, abril de 1996, 3ª edição, mimeo.
- _____. "O enigma da igualdade". *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, vol. 13, n.1, 2005.
- SIRINELLI, Jean-François. "A geração". In: FERREIRA, Marieta e AMADO, Janaína (org.). *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro, FGV, 1994.
- SOIHET, Rachel. História das mulheres. In: CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo. *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Ed. Campus/Elsevier, 1997.
- SOIHET, Rachel e PEDRO, Joana Maria. A emergência da pesquisa da História das Mulheres e das Relações de Gênero. *Revista Brasileira de História*, São Paulo: ANPUH, n.54, vol.27, jul-dez 2007, p. 287
- VALPORTO, Oscar. *Atleta, substantivo feminino*. Vinte mulheres brasileiras nos Jogos Olímpicos. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2006.
- VELHO, Gilberto. *Memória, identidade e projeto*. Uma visão antropológica. *Revista*